

SIMONE DE BEAUVOIR E O SENTIDO CONCRETO DE METAFÍSICA

JOSIANA BARBOSA ANDRADE¹; LUÍS RUBIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas 1 – josyyandrade17@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – luiseduardorubira@gmail

1. INTRODUÇÃO

Em sua resenha de *A Convidada*, primeiro romance publicado de Simone de Beauvoir, MERLEAU-PONTY (1966, tradução nossa) descreve a obra como “um desenvolvimento de uma literatura metafísica e o fim de uma literatura moral”, na medida em que as personagens não pressupõem uma “natureza humana” que pudesse justificar a existência em si, mas uma “condição humana” que possibilitaria um projetar-se a si mesmo no mundo com os outros, em busca de justificar-se a si próprio. Com isso, é por meio da dimensão metafísica da existência humana que Simone de Beauvoir definiu suas personagens. Mas, afinal, o que é metafísica para autora? Em vista disso, o objetivo deste trabalho será buscar compreender a noção de metafísica elaborada por Simone de Beauvoir, uma vez que a maioria de seus romances são dramas metafísicos. Nesse sentido, entender o que a autora pensou por metafísica será um requisito fundamental para compreender as suas obras literárias, bem como seus ensaios filosóficos.

Em *Literatura e Metafísica*, DE BEAUVOIR (1967) trouxe a lume a sua concepção de metafísica. Porém, desenvolver uma literatura metafísica a partir da definição de metafísica que perpassou a história da filosofia ocidental não seria possível. Portanto, a noção de metafísica da filósofa contrapor-se-á à tradição que concebeu a metafísica como um sistema que perscrutou verdades abstratas em um céu inumano e atemporal.

2. METODOLOGIA

Por ser de cunho bibliográfico a pesquisa, nós analisamos alguns textos de Simone de Beauvoir, mas, minuciosamente, *Literatura e Metafísica*, no qual a autora elaborou a sua noção de metafísica, isto é, o nosso tema a ser investigado. Por essa razão, o método filosófico utilizado, ao longo da pesquisa, foi o hermenêutico.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A ideia de “literatura metafísica” parece-nos, em um primeiro momento, contraditória. Como articular literatura e metafísica? Como associar um sistema que busca verdades objetivas e atemporais com uma arte que exprime a realidade viva do mundo humano? Em que plano se situa a verdade, na Terra ou na eternidade? Para DE BEAUVOIR (1967) “todos os espíritos que são sensíveis, ao mesmo tempo, às seduções da ficção e ao rigor do pensamento filosófico conheceram mais ou menos esta perturbação; pois, ao fim e ao cabo, só há uma realidade”. Assim, é a partir desse conflito que Simone de Beauvoir elaborará a sua concepção filosófica de metafísica, por meio da redução fenomenológica.

“O que me supreende é que você seja atingida de forma tão concreta por uma situação metafísica” – Pierre; ‘Mas trata-se de uma coisa bem concreta: todo

sentido de minha vida se encontra em jogo’ – Françoise” (DE BEAUVOIR, 1987). Nesta passagem de *A Convidada*, é-nos possível perceber que metafísica possui um sentido concreto; Françoise sente a própria existência em *risco*, ao descobrir a existência de outra consciência, tão absoluta quanto a sua. Em *O Segundo Sexo*, DE BEAUVOIR (2009, grifo nosso) afirma que, “o homem suserano protegerá materialmente a mulher vassala e se encarregará de lhe justificar a existência: com o risco econômico, ela se esquia do *risco metafísico* de uma liberdade que deve inventar seus fins sem auxílios”. A partir deste excerto em comparação com o primeiro apresentado, percebemos que metafísica é uma atitude de um existente em situação, na qual descobre-se ser-no-mundo.

Isto posto, metafísica, para a autora francesa, não é um sistema, pois “não se *faz* metafísica como se *faz* matemática e física. Na realidade, *fazer* metafísica é *ser* metafísico, é realizar em si a atitude metafísica que consiste em pôr-se na sua totalidade em face a totalidade do mundo” (DE BEAUVOIR, 1965, grifos da autora). Diante disso, é possível afirmar que o ser humano possui uma dimensão metafísica (dimensão onde todos os marcadores do existente são reconciliados), em que ele pode senti-la concretamente; exemplo disso são as crianças quando descobrem a própria presença no mundo, percebendo que elas não são plenitude, cheias de *si*, e sentindo, por consequência, o abandono original. Por isso, DE BEAUVOIR (2005) inicia a segunda parte de *Por uma moral da ambiguidade* citando Descartes: “a infelicidade do homem [*sic!* ser humano] vem do fato de que ele foi primeiramente criança.” O que significa que a “condição da criança é *metafisicamente privilegiada*; a criança escapa normalmente à angústia da liberdade” (DE BEAUVOIR, 2005, grifo nosso), uma vez que ela foi lançada a um universo que ela não constituiu e não desvelou, ainda. Assim, para a criança, o mundo não é uma totalidade destotalizada, mas dado.

A metafísica, por sua vez, já não se encontra em um céu, mas na Terra. Por isso, ao elaborar um romance metafísico, Simone de Beauvoir não está realizando uma tradução de “ideias metafísicas”, mas expressando a realidade viva e singular dos seres humanos no mundo, uma vez que seria “um absurdo imaginar um romance aristotélico, spinozista ou mesmo leibniziana, pois nem a subjetividade nem a temporalidade têm lugar real nessas metafísicas” (DE BEAUVOIR, 1965). Por conseguinte, ao afirmar que a verdade se encontrava no mundo das ideias, Platão expulsou os poetas de sua República; porém, ao descrever o movimento dialético que conduziria o ser humano a ideia, ele integra, na realidade, o ser humano e o mundo sensível, experimentando “a necessidade de se fazer ele próprio poeta. (...) Situando, na Terra, os diálogos que mostram o caminho do céu inteligível” (DE BEAUVOIR, 1965). E ainda, Hegel, bem como Kierkegaard, recorrem também ao mundo concreto e histórico para encontrarem sua verdade, na medida em que aquele apela aos mitos literários para descrever o drama da consciência infeliz, além de que, na *Fenomenologia do Espírito*, “o espírito ainda não se cumpriu, mas está em vias de se cumprir, é necessário, para contar adequadamente a sua aventura, conferir-lhe uma certa espessura carnal” (DE BEAUVOIR, 1965); e em *Temor e Tremor* há uma recriação da “história do sacrifício de Abraão sob uma forma que toca a forma romanesca” (DE BEAUVOIR, 1965, p. 90).

Portanto, para a autora francesa, é *no* seio do mundo que se pensa o mundo; por isso, ela preocupou exprimir-se ora por ensaios filosóficos ora por obras literárias, com a finalidade de “conciliar o objetivo e o subjetivo, o absoluto e o relativo, o intemporal e o histórico” (DE BEAUVOIR, 1965), buscando descrever a essência no coração da existência. A escolha pelo romance metafísico não foi por acaso, mas porque é ele o único meio de expressar, por excelência, a

ambiguidade original da existência e a experiência metafísica, pois a realidade não é apreensível apenas pelo entendimento, mas desvelada na ação, que pode ser emoção e sentimento. Assim sendo, a filosofia fenomenológico-existencial de Simone de Beauvoir perscrutou descrever e explicar a experiência singular do indivíduo em relação com a realidade universal (conjunto de situações humanas), sem cair em um existencialismo individualista, na medida em que ela busca uma conciliação com a Teoria da História.

4. CONCLUSÕES

Diante disso, concluímos que a partir da noção de metafísica é possível compreender a relação entre filosofia e literatura no pensamento fenomenológico-existencial da autora. Por meio de tal noção, a dicotomia entre essência e existência não há razão de ser, uma vez que “*fazer metafísica é ser metafísico*”, e nesse “ser metafísico” há uma reconciliação de todas as dimensões do existente: em um só momento ele se inscreve no tempo e na eternidade. Não havendo, portanto, necessidade de buscar-se a verdade em um céu, pois ela se encontra entre nós, na concreticidade de nossa existência. Destarte, em concordância com MERLEAU-PONTY (1966, tradução nossa) “a metafísica não é mais, como dizia Descartes, o caso de poucas horas por mês; ela está presente, como pensava Pascal, no menor movimento do coração”. Portanto, essa noção de metafísica de Simone de Beauvoir surge como uma noção paradigmática dentro da história da filosofia ocidental; ela é, por sua vez, importante para compreendermos o nosso próprio tempo, porque há nessa concepção uma tentativa de compreender uma dimensão presente em todos os existentes, uma busca por reconciliar os diferentes marcadores de um ser humano, enfim, há uma ênfase na totalidade do indivíduo, em vez de sua fragmentação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DE BEAUVOIR, Simone. **A Convidada**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

_____. **Por uma moral da ambiguidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

_____. Literatura e Metafísica. In: DE BEAUVOIR, Simone. **O existencialismo e a sabedoria das nações**. Lisboa: Minotauro, 1967.

_____. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Le roman et la méthafisque. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. **Sens et non-sens**. Paris: Les Éditions Nagel, 1966.